

Sociedade Industrial e Obediência: o conceito de resistência no contexto do esclarecimento

Fernando Cotta Trópia Dias¹

Kety Valéria Simões Franciscatti²

Os traços radicalmente individuais e irreduzíveis de uma pessoa são sempre duas coisas num só: o que não foi totalmente capturado pelo sistema dominante e sobrevive para sorte nossa e as marcas da mutilação que o sistema inflige a seus membros. [...] Na medida em que o indivíduo utiliza esses traços para se afirmar desesperadamente contra a compulsão da natureza e da sociedade, contra a doença e a bancarrota, esses traços assumem necessariamente um caráter compulsivo.

Horkheimer e Adorno

¹ Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), bolsista de iniciação científica – PIBIC/ CNPq. [Endereço eletrônico: fctropiadias@yahoo.com.br].

² Doutora em Psicologia: Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP); professora adjunta do Departamento de Psicologia (DPSIC) e do Laboratório de Pesquisa e Intervenção Psicossocial (LAPIP) da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). [Endereço eletrônico: kety.franciscatti@gmail.com].

INTRODUÇÃO

O presente texto visa discorrer, com base na Teoria Crítica da Sociedade, mais especificamente com os autores Horkheimer e Adorno, sobre os elementos regressivos contidos nesta sociedade industrial provenientes do progresso da dominação, evidenciado a partir de um projeto de esclarecimento que impõe na adaptação dos homens traços de resistência em meio a um modelo de vida afugentado na barbárie.

De acordo com Horkheimer e Adorno (1985), o esclarecimento, como processo inscrito meio à relação natureza e cultura, reproduz uma tendência mítica. Sob o progresso da dominação, que confere toda uma gama de insatisfação e ameaças à vida dos homens, pode-se dizer que o esclarecimento arrasta consigo a mesma dominação que deveria superar e, assim, em vez de servir à emancipação humana, constitui-se como um obstáculo à liberdade. Como fracasso da cultura dada a não realização da natureza humana, é que a sociedade industrial, na administração totalitária calcada na inversão entre meios e fins, impele toda uma resistência característica do desespero e desencanto, numa sobrevivência cotidiana que insiste em impossibilitar a liberdade e a felicidade – estado que, de certo modo, já estaria materialmente acessível aos homens. Neste sentido, torna-se pertinente refletir sobre o conceito de resistência, nas obras destes autores, enquanto tentativa de contraposição à lógica da dominação e mote de esclarecimento à pseudoformação.

Ressalta-se que as considerações do respectivo texto vinculam-se com a pesquisa *Formação Cultural e Barbárie: reflexões sobre contato afetivo e os limites da sociedade contemporânea* – desenvolvida no Departamento de Psicologia (DPSIC) da Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ) – como ainda, uma articulação com o projeto de extensão em interface com a pesquisa *Narrativas de Artesãos: documentos da memória mineira*, na medida em que este reflete sobre as condições e limites que a psicologia enfrenta ao investigar o processo de formação da subjetividade e da cultura, como ainda, ao pensar os obstáculos objetivos e subjetivos à realização de seu objeto (o indivíduo). Tal perspectiva também é destacada na pesquisa *Psicologia e Arte: reflexões acerca da subjetividade obstada*, que traz como foco investigativo o processo de criação e recepção da obra de arte em suas diferentes manifestações, oferecendo embasamentos em saberes parcelares que subsidiam as propostas do presente texto no que se refere ao eixo da formação cultural e, por conseguinte, na tarefa do esclarecimento em vistas da emancipação humana.

SOCIEDADE INDUSTRIAL: NOTAS SOBRE A (DE)FORMAÇÃO CULTURAL E IDEOLOGIA

A formação cultural é tema que abarca e percorre toda a obra dos autores frankfurtianos Adorno e Horkheimer, mesmo que sob pano de fundo em outras proposições mais específicas. Sob este escopo, uma das preocupações destes autores recai sobre o paradoxo ante o progresso da racionalidade tecnológica e técnica levada a cabo no percurso da história da humanidade e o estado tenente de regressão geral presentificado que desvela o fracasso da cultura no tocante às impossibilidades de se viver a vida como um fim em si mesma.

Nas proposições destes autores a cultura fracassa por não se constituir como um lugar para que se possa realizar a felicidade e a liberdade que, experimentadas subjetivamente, para serem alcançadas, necessitam de condições objetivas propícias.

Uma vez estando no interior de uma sociedade dona de sua própria ordem, em que forças regressivas insistem em ocorrer, o malogro da cultura encontra-se no não cumprimento das suas promessas de satisfação e segurança, num meio que nutre constantes ameaças e sacrifícios à sobrevivência dos homens.

Segundo Franciscatti (2002), a cultura tem em seu projeto a promessa não só de realização das pulsões (natureza transformada em meio à cultura), o que a referenda como meio de gratificação, mas também, à promessa de segurança o que envolve a elaboração do medo e o enfrentamento das ameaças à vida humana. Promessas que, contudo, ainda não estão cumpridas. O que existe não é menos do que uma sociedade que se articula de maneira independente à felicidade dos homens, numa inversão de meios e fins em que os desejos destes mesmos homens são acionados com destino à opressão, e não em sua própria realização. Os sujeitos assim dispostos estão a serviço da manutenção de um sistema social. Como meros objetos desta sociedade industrial, depreendem toda sua energia em prol do exato funcionamento desta, conformando suas configurações psíquicas à adequação nesta realidade.

Depreender tamanho esforço na manutenção deste sistema imparcial permite salientar que a dominação, contrária ao movimento de realização da cultura nos pressupostos de gratificação e segurança, satisfaz alguns interesses particulares sob o desígnio da desigualdade social. Da maneira como está sendo efetivada e processada a organização social, a lógica da pseudoformação obstrui intensivamente as possibilidades de autodeterminação dos homens, como caminho interdependente à autonomia e à individuação. Torna-se evidente e mais do que necessário ater-nos às determinações objetivas do contexto social, na medida em que são estas que sustentam o perigo e a ameaça na luta pela sobrevivência. Conquanto as configurações sociais persistirem em exigir renúncias infundadas à vida humana além de exprimirem todo tipo de infortúnios ao todo social, a barbárie perdurará justificada sobre o grau de irracionalidade substancial presente na realidade. Numa explicitação sobre a barbárie, retomando ao contexto da 2ª Guerra Mundial acerca de Auschwitz e numa reflexão sobre a constituição do caráter manipulador na sociedade, Adorno (1995, pp. 131-132) salienta:

É preciso lembrar que as pessoas não podem ser explicadas automaticamente a partir de condições como estas. Em condições iguais alguns se tornaram assim, e outros de um jeito bem diferente. Mesmo assim valeria a pena. O mero questionamento de como se ficou assim já encerraria um potencial esclarecedor. Pois um dos momentos do estado de consciência e de inconsciência daninhos está em que seu ser – assim – que se é de um determinado modo e não de outro – é apreendido equivocadamente como natureza, como um dado imutável e não como resultado de uma formação.

Assim, tem-se que, no próprio movimento de socialização, os homens não estão isentos de introjetar as manifestações da necessidade de dominação.

Entretanto, mesmo que os pressupostos objetivos solicitem uma análise delimitada e uma atenção específica em vista do engodo que se apresenta, a tensão entre os aspectos objetivos e subjetivos propulsores deste estado de pseudoformação deve ser mantida. Nesse sentido, ressalta-se que, apesar do perigo se encontrar na esfera social e suscitar variados sofrimentos à vida humana, deve-se entender que quem o manifesta é o próprio homem.

Cabe a ressalva de que a violência desnecessária é empreendida não só de maneira imediata contra os homens, como também, contra a lógica dos interesses racionais destes, lógica esta produtora de opressão e que, inscrita na dominação configura-se como irracional. Os interesses racionais manifestados sob esta condição satisfazem determinados elementos psíquicos que, caso ignorados, resultam por reforçar o específico movimento que se aspira abolir. Considerar, portanto, os aspectos objetivos da manifestação da violência não permite que se feche uma ligação potencial com os aspectos subjetivos presentes na mesma.

Numa organização social que progride por meio da dominação, uma vez constituído o arranjo nestes moldes da cultura e o rebaixamento da formação cultural, torna-se premente requerer as limitações e restrições impostas ao processo de diferenciação, que caracterizaria a possibilidade de tornar-se singular ante a totalidade coletiva. O progresso da sociedade industrial remete a todo o antagonismo e a irracionalidade do mundo social do trabalho, na relação entre os homens e a própria sociedade, quando esta encerra em si um contexto de intensa insatisfação, impedindo que os homens possam viver a vida como finalidade primeira. Adorno (1986), ao destacar entendimento sobre o que caracteriza esta sociedade como industrial aponta que o estágio dado das forças produtivas remetem a uma sociedade em que o trabalho industrial suplanta todas as barreiras, por exigência econômica. Sua racionalização remete-se à racionalidade técnica, expandida a todos os setores da produção material, como também, para a cultura.

Denota-se assim a tendência regressiva no seu funcionamento automatizado, em que os homens são meros objetos adequados ao existente e à manutenção desse sistema opressor em que, o que prevalece, é o desencanto. Na obra de Horkheimer e Adorno *Temas básicos da Sociologia*, o conceito de ideologia abre um esclarecimento detalhado desta adequação (adesão) na sociedade industrial. De acordo com os autores *ideologia é justificação*, justificação de dominação. Eles tratam de um ponto de vista dialético a ideologia quando esta “é falsa consciência e, entretanto, não só falsa” (HORKHEIMER & ADORNO, 1973, p.199). Assim, as idéias de liberdade e igualdade propagadas pela transformação histórica em motivos iluministas de sentido liberal, como também as de felicidade, constituem a ideologia burguesa nascente de uma sociedade desenvolvida em padrões industriais, que pressupõe bastar de uma argumentação racional que emprega princípios de igualdade para exercer a crença dos cidadãos e o ordenamento social esperado. Situações de interesse estas que não passam de meras falácias uma vez postas como condições sociais presentes e realizadas atualmente, apesar de conter traços de verdade naquilo que intuem. As pessoas adaptam-se naquilo que é convertido, pois, em mentira manifesta.

Num modo de vida ameaçador, os homens são, inegável e invariavelmente, levados psicicamente a processarem mecanismos psicológicos de maneira a não enxergarem o que, na verdade, é *demasiado transparente*. As configurações psicológicas estão sendo suscitadas a todo instante enquanto processo de defesa psíquica. O que se nota, então, é a fragilidade do espírito (HORKHEIMER & ADORNO, 1973).

Pode-se afirmar, desse modo, que a ideologia opera no sentido de perpetuar a ordem existente, legitimada por vezes sob um discurso lógico racional tendente a adesão, à obediência a hegemonia das condições atuais próprias. Noutra passagem salientam os autores: “qualquer voz discordante é objeto de censura e o adestramento para o conformismo estende-se até as manifestações psíquicas mais sutis” (HORKHEIMER & ADORNO, 1973, p.202).

Há que se ater na reflexão de que, se existem contradições no próprio sistema social e no processo de conformação das configurações psíquicas, deve-se também reconhecer expressões de resistência no interior deste conflito (FRANCISCATTI, 2007). Deste modo, o interesse no foco de análise teórico da resistência inserido na dialética adesão-negação, acaba por demandar uma reflexão do conceito de ideologia, presente no livro *Temas básicos da Sociologia*, uma vez que, este mesmo conceito, possibilita investigar a permanência da (de)formação cultural no impedimento de se esclarecer o projeto de esclarecimento descrito na obra da Teoria Crítica da Sociedade. Sob este aspecto, é pelo desvendamento do caráter ideológico do viver e da inscrição na pseudoformação remanescente – ante todo o progresso material acumulado ao longo da história –, que a investigação do conceito de resistência deve se ater, com vistas a formação cultural, desvinculada dos ideais e desígnios da dominação.

ESCLARECIMENTO E RESISTÊNCIA

O livro *Dialética do Esclarecimento* de Horkheimer e Adorno (1985) trata, como eixo central de discussão, do problema do projeto de esclarecimento contido no percurso histórico da civilização humana. Segundo o tradutor desta obra, Guido Antonio de Almeida, para estes autores o esclarecimento não caracteriza um movimento filosófico ou determinada época histórica nos termos contextuais do iluminismo, ou Idade das Luzes, mas sim como um processo histórico em que os homens, através do progresso da racionalidade, progresso do saber, se vêem livres das forças míticas e das ameaças da natureza. Nas palavras de Horkheimer e Adorno (1985, p.19), “no sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores”.

Conforme o exposto, tratar o processo de esclarecimento nestes pressupostos é, sobretudo, compreendê-lo como base do movimento de formação cultural, tendo como um de seus compromissos a liberdade e a felicidade humana, no desimpedimento das ações na vida social pautadas nos termos de justiça pulsional através da elaboração do medo e superação dos mistérios e perigos da natureza.

A dinâmica processual do esclarecimento traz um conflito que tanto permite quanto, numa outra via, limita a emancipação dos homens ante a realidade externa. Podem-se salientar elementos progressivos, como também, regressivos presentes nesta trama. A que se considerar a título de exemplificação que, a natureza, nos tempos atuais, já não mais exerce um perigo imediato á vida dos homens, comparativamente a história das sociedades mais primitivas de nossa civilização. No entanto, não superamos a necessidade de dominação permanente realçados nas relações de poder escancaradas no sistema social, estabelecidas entre os homens.

A dominação, contudo, desempenhou um preciso papel na conquista e transformação da natureza – externa e interna – em meio às contingências do desenvolvimento histórico humano. Ao mesmo tempo, sua conservação na cultura esboça as circunstâncias dos homens aos ditames da sobrevivência intrincados no medo, impossibilitado de elaboração, e nas ameaças cotidianas não suplantadas. Sua existência representa ainda uma parcela da natureza humana a ser conquistada, na medida em que, sob sua permanência, encontram-se as configurações do fracasso da cultura pelo não implemento de suas promessas de gratificação (FRANCISCATTI, 2007).

O que se nota, é que, devido ao estado de pseudoformação, o projeto de esclarecimento, enquanto progresso do conhecimento, percorrido a partir da quebra explicativa mítica no intuito em lidar com as forças desconhecidas provenientes da natureza, é um projeto da humanidade ainda não consolidado. Não elaborado o medo o que se percebe é que, ao lado do progresso da racionalidade, o próprio esclarecimento afirma sua inscrição mítica.

Visar compreender o passado – nos compromissos não consolidados e esperanças não alcançadas – faz-se importante para que se propicie e crie outras possibilidades à tarefa do processo de esclarecimento, por valores racionais que o próprio movimento de resistência pode vir a oferecer que ultrapassem as manifestações regressivas históricas até então delineadas.

No entanto, restringida toda possibilidade de se modificar os determinantes objetivos, ou seja, as configurações sociais e políticas reprodutoras de acontecimentos destacados como barbárie, as tentativas de contraposição à lógica da dominação são impelidas inexoravelmente, para o lado subjetivo (ADORNO, 1995).

Adorno (1995) sustenta ainda que, sob uma vida padronizada, num mundo administrado, coexiste a pressão do geral dominante sobre tudo o que remete ao particular, numa tendência a destruir e desintegrar tudo o que remete ao individual, de forma concomitante com seu potencial de resistência.

Assim, se os condicionantes da barbárie estão postos na realidade e remetem a própria sobrevivência em si, desde os primórdios da civilização, sob seus distintos contextos e configurações, a reflexão sobre o conceito de resistência perpassa na conjuntura do sentimento de desespero e mal-estar vivificado em meio ao próprio processo de socialização, inerente a todos nós. No próprio processo de socialização brota a negação da adaptação nesta realidade totalitária.

Neste aspecto Crochík (1998) acrescenta que o indivíduo se forma e constitui suas características pessoais por meio dos comportamentos economicamente racionais, ligados diretamente à sua sobrevivência cotidiana. Adapta-se a esta realidade de um lado e, em resposta a esta sobrevivência diária, ao seguir a lógica da cultura, tais componentes, suscitam correspondentemente a resistência, compreendida aqui como traços constitutivos de caráter pela negação da adaptação nessa mesma cultura responsável pela socialização, na medida em que as marcas perceptíveis nos sentimentos de mal-estar apontam para o sofrimento individual existente, denotando aquilo que poderia ser melhor do que o que se apresenta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de uma investigação teórica sobre o entendimento de como os autores, Horkheimer e Adorno, compreendem o conceito de resistência não sistematizado em um texto específico, mas exposto ao longo de suas obras, realça o potencial crítico no conhecimento científico da psicologia, expondo os sofrimentos injustiçados e edificando vestígios à sua superação, como forma de visualizar as possibilidades de mudanças frente às pressões de um princípio civilizador opressivo. Circunscritos sob o princípio da autoconservação, numa sociedade industrial administrada e totalitária, impele-se resistência mesmo sob a mera adesão ao sistema social. Dadas às dificuldades de se modificarem as tendências sociais objetivas, a

resistência é conduzida e experimentada subjetivamente, na sobrevivência inscrita na esfera da dominação irracional. Sobre a pressão do geral dominante à obediência na hierarquia social, têm-se que a resistência perpassa o próprio potencial do esclarecimento desvelador da irracionalidade do mundo social e indica ainda os impedimentos ao processo de uma formação cultural nos padrões de justiça social.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T.W. (1995). Educação após Auschwitz. In: _____. *Palavras e Sinais; modelos críticos 2*. (M. H. Ruschel, trad.). Petrópolis: Vozes, pp.104-123. (Original publicado em 1969)
- ADORNO, T.W. (1995). Educação após Auschwitz. In: _____. *Educação e Emancipação*. (W. L. Maar, trad.). São Paulo: Paz e Terra, pp.119-138. (Original publicado em 1969)
- ADORNO, T.W. (1986). *Sociedade industrial ou capitalismo tardio?* (F. R. Kothe, trad.). In: Cohn, G. Theodor W. Adorno. São Paulo: Ática, pp.62-75. Col. Grandes Cientistas Sociais. (Original de 1968)
- CROCHÍK, J. L. (1998). Os Desafios Atuais do Estudo da Subjetividade na Psicologia. *Psicol. USP*. São Paulo, v.9 n.2, pp. 69-85.
- FRANCISCATTI, K. V. S. (jan/jun, 2002). “À felicidade na liberdade ou à felicidade na ausência de liberdade”. *Psicologia & Sociedade*. São Paulo, v.14, n.1, pp. 123-140.
- FRANCISCATTI, K. V. S. (2007). *Entre o gris e a irisação: limites da teoria e da práxis ante a ideologia afirmativa do existente*. In: MAYORGA, C.; PRADO, M. A. M. (Orgs.). *Psicologia Social: articulando saberes e fazeres*. Belo Horizonte: Autêntica, pp. 81-98.
- HORKHEIMER, M.; Adorno, T.W. (Orgs). (1973). *Temas básicos da Sociologia*. (A. Cabral, trad.). São Paulo: Cultrix; USP. (Original publicado em 1956)
- HORKHEIMER, M; Adorno, T.W. (1985). *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. (G. A. Almeida, trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1947)